O novo papel da OIC

A Organização pode ser um instrumento inigualável na defesa dos interesses do setor.

CELSIUS A. LODDER

O Convênio Internacional do Café, de 1994, só entrou em vigor em maio do ano seguinte. Em dezembro do mesmo ano já congregava 36 membros exportadores e 16 importadores. Hoje fazem parte da OIC 64 países (45 deles exportadores e 19 importadores) que respondem por mais de 96% da produção e das exportações mundiais, e por aproximadamente 67% das importações.

Temos hoje um acordo muito diferente dos anteriores, que não impõe mecanismos de controle para influenciar preços, e que por isso foi inicialmente caracterizado como convênio administrativo, dando a entender que estávamos diante de uma espécie de operação de *holding* mantida nos bastidores, enquanto se aguardava a implantação de mecanismo mais concreto num estágio indefinido do futuro.

A incorreção dessa caracterização meramente administrativa, porém, vai ficando óbvia à medida que o tempo passa e que a Organização desenvolve mais e mais um cárater de prestador de serviços a seus membros.

Não há dúvida de que já não existe um mecanismo de cotas/preços a ser monitorado e analisado como fator constante do mercado. Mas, de múltiplas maneiras, e com um vigor que aumenta dia após dia, o convênio via OIC vem desempenhando um decisivo papel na economia cafeeira mundial. Isso resulta essencialmente da inegável importância da economia cafeeira no plano global. Afinal de contas, o café segue sendo fonte vital de divisas para os países produtores (e de receita para o setor agrícola desses países) e preserva seu lugar privilegiado nos estilos de vida de milhões de consumidores do mundo todo.

Nos últimos 30 anos, produção e consumo de café vêm crescendo de maneira constante a uma taxa média de 1,5% ao ano. Novos mercados se desenvolvem – Leste europeu, Rússia e China, por exemplo – e mercados já maduros, como os EUA, revertem uma tendência declinante graças à chamada revolução do *specialty coffee*. Isso propicia um seguro otimismo quanto ao futuro, temperado com muito trabalho de promoção.

A Organização continua a ser um repositório inigualável de estatísticas e informações econômicas abrangentes e objetivas sobre o café. Enquanto no passado esses dados só podiam ser obtidos, em base restrita, por delegações e departamentos especializados dos países membros, sua divulgação hoje pode ser feita em escala muito mais ampla, com a adoção de novos esquemas de assinatura. Desnecessário lembrar que a transparência é uma das precondições para que o funcionamento de um mercado livre não seja distorcido, e todos os participantes devem ter o mesmo grau de informação a respeito dos fundamentos desse mercado: a oferta, a demanda e os estoques.

Além das publicações estatísticas usuais da OIC – sobre exportações, importações, estoques e preços –, a revista *Informe do Café* vem sendo publicada quadrimestralmente nas quatro línguas oficiais da Organização e o banco de dados bibliográficos Coffeeline está à disposição dos interessados na Internet (http://www.ico.org).

Esforços constantes vêm sendo investidos na intensificação da disponibilidade e oportunidade desses dados, para que não se transformem em prognósticos ou especulação, e constituam pontos de referência objetivos e confiáveis para a avaliação do que realmente está acontecendo com o café.

Outro programa digno de nota é o da publicação dos perfis cafeeiros de países – guias descritivos das economias cafeeiras de diferentes países produtores e consumidores, editados conjuntamente pela OIC e pelo país descrito, geralmente representado pelo seu setor privado. Os sete primeiros perfis, focalizando Alemanha, Costa Rica, Colômbia, Índia, Papua-Nova Guiné, Reino Unido e Uganda já estão disponíveis aos interessados. Na primeira metade de 1998, devem ser publicados os perfis de Bolívia, Etiópia, Japão e Zimbábue. Esperamos poder publicar o perfil cafeeiro do Brasil num futuro próximo.

Além dos serviços de coleta e divulgação estatística que a OIC pode prestar a seus membros, várias questões transcendem as fronteiras de cada país e ultrapassam interesses comerciais específicos. A melhor maneira de as enfrentar é através de contatos e cooperação do tipo que só a OIC pode proporcionar, uma vez que é a única entidade que agrupa países exportadores e importadores, e na qual estão representados, em alto nível, tanto os respectivos governos como, de forma cada vez mais significativa, o setor privado.

Outra área de importância é a da coordenação de projetos multinacionais de desenvolvimento na esfera cafeeira. A OIC é o organismo internacional de produto básico (OIPB) designado para o café, e nesse papel encarrega-se da apresentação de projetos para financiamento em termos vantajosos pelo Fundo Comum para os Produtos Básicos, sediado em Amsterdã. Nos últimos três anos a OIC apresentou ao Fundo Comum 10 projetos para seu exame e aprovação. Destes, quatro já foram aprovados e estão em fase de execução, e seis estão em diversas fases do processo de aprovação. Vale ressaltar que o Brasil participa diretamente do projeto para a determinação do potencial para a produção e comercialização de café *gourmet*. O custo desses 10 projetos é de US$40 milhões.

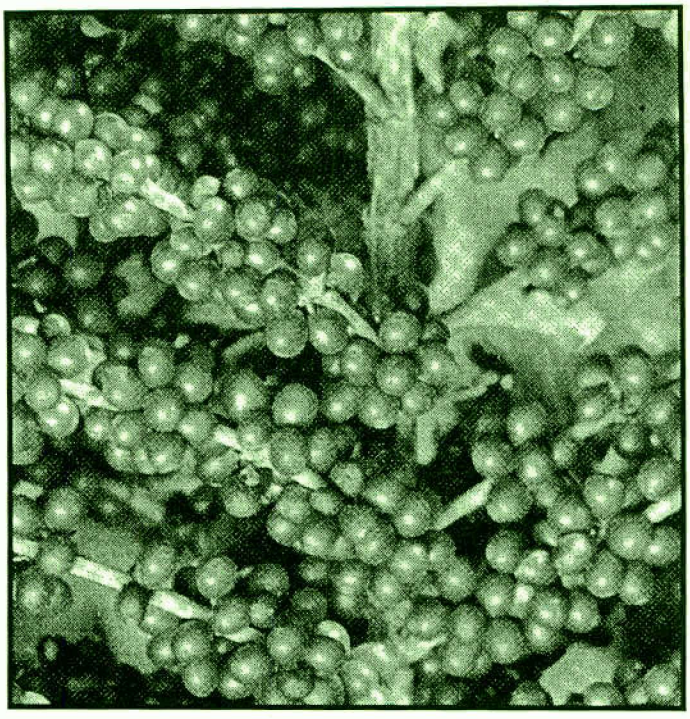
Além do projeto *gourmet*, a Organização vem desenvolvendo desde projetos destinados ao controle biológico, em larga escala, da broca do café em diversos países afetados pela praga à realização de pesquisas, com o Banco Mundial, acerca do impacto de reformas recentes so-

bre os sistemas de comercialização interna do café, sobretudo nos países africanos. Há também desde projetos dedicados ao estudo de métodos para o aumento da eficiência dos mercados internos através de um sistema de recibos (*warrants*) de café ao desenvolvimento de novas variedades de café Robusta e ao combate à traqueomicose em países da África Oriental.

O Convênio de 1994 também determina que os países membros devem levar na devida conta o aspecto do desenvolvimento sustentável da produção e do processamento de café. Diversas questões e tecnologias (por exemplo, a produção de café orgânico e os efeitos da remoção de árvores de sombra dos cafezais) têm repercussões ambientais, e a Organização, sob a orientação de seus membros, desenvolveu alguns estudos nesta área. Estamos programando para meados do próximo ano um seminário para o debate da problemática envolvida na produção, certificação e potencial de mercado do café orgânico. Poucos têm conhecimento de que o Brasil é um dos principais produtores de café orgânico do mundo, vendendo o produto a preços três a quatro vezes superiores ao do mercado.

No passado, o setor privado só participava das atividades da Organização através da influência de consultores comerciais ligados às delegações dos países membros. Em setembro deste ano, a OIC promoveu a primeira reunião formal do Fórum Internacional das Associações da Indústria e do Comércio de Café. Participaram deste encontro cerca de 55 associações de produtores, exportadores, comerciantes, importadores e torrefadores de café.

A idéia do Fórum é permitir ao setor privado discutir temas e assuntos que, embora importantes, ainda não fazem parte da



agenda oficial da OIC, quer por serem muito específicos – por exemplo, a discussão do novo contrato europeu do café –, quer por se tratar de assuntos que podem ser resolvidos no âmbito do próprio setor privado, como, por exemplo, a obediência a normas internacionais de fumigação de contêineres ou o roubo de café durante o transporte.

Para janeiro de 1998 está prevista nova reunião do Fórum para tratar de temas relacionados com os mercados cafeeiros e de questões científicas ligadas à saúde. Isso dará voz ao setor privado, que, através de representantes de associações cafeeiras de países exportadores ou importadores, poderá externar suas preocupações sobre questões que afetam o setor no plano internacional e fazer sugestões para a adoção de medidas concretas ou a especificação de novos projetos em áreas de interesse.

Para aprimorar contatos e servir como fórum global, a Organização lançou um programa de seminários internacionais de natureza técnica. O primeiro deles foi o Seminário sobre o Café e o Meio Ambiente, onde foram debatidas questões específicas e formuladas recomendações sobre uma eventual agenda em torno do tema, a ser seguida pela OIC. Nesse contexto é que será organizado o encontro sobre o café orgânico que mencionamos anteriormente.

Estão também em pauta dois outros encontros no futuro próximo: um sobre preços e volatilidade no mercado cafeeiro e outro sobre perspectivas de mercado para o café no século XXI.

O setor cafeeiro de diversos países produtores sofreu sérios danos em anos recentes, devido a comoções políticas ou desastres climáticos. Esta é outra área em que a Organização, através de contatos com tomadores de decisão, com outras organizações internacionais e com centros de perícia técnica, pode prestar ajuda, coordenando programas de recuperação.

As perspectivas para o consumo de café no futuro, como sempre, merecem atenção. Apesar de ter permanecido em grande parte inativo em anos recentes, o Fundo de Promoção da Organização decidiu em 1995 contratar a realização de estudos sobre opções estratégicas para o aumento do consumo em novos mercados – em particular os mercados russo e chinês. As conclusões desses estudos levaram os países produtores a iniciar um projeto de promoção genérica do café nesses mercados. O projeto está em pleno desenvolvimento e no início de 1998 as primeiras atividades deverão ser realizadas em Moscou e em Xangai.

Grupos de especialistas, informações estatísticas de mercado, seminários, publicações, fórum do setor privado, projetos financiados pelo Fundo Comum e discussões na OIC que vêm sendo implantadas e realizadas são atividades que podem ser vistas como meios eficazes de enfrentar os problemas e desafios com que o setor cafeeiro global vem se deparando e que exigem coordenação internacional. A OIC atua como prestadora de serviços e catalisadora de todas as iniciativas que visem beneficiar, desenvolver e promover o setor cafeeiro em escala mundial. Paradoxalmente, com os ventos do liberalismo a soprar cada vez mais forte, com o multilateralismo mais do que nunca presente nos acordos mundiais de produtos de base, ela se torna um instrumento inigualável na defesa dos interesses unilaterais.

É esse, precisamente, o papel que a OIC está em condições de assumir, que de forma alguma é meramente administrativo, mas que envolve trabalho árduo e a possibilidade de alcançar resultados altamente compensadores. E é com muito ânimo que encaramos as etapas construtivas e empolgantes que nos aguardam no futuro.

Diretor executivo da Organização Internacional do Café – OIC.